

MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA: um estudo de caso

Antonio Luis Fermino¹
Bianca Natália Poffo²
Silvan Menezes dos Santos³

RESUMO

Os megaeventos proporcionam diversas discussões nas universidades, eventos acadêmicos e também em momentos informais. Em meio a tantas reflexões, este estudo pretende discutir os megaeventos esportivos no sentido de compreender e apontar como eles podem refletir na formação dos futuros professores de Educação Física. A fase empírica foi realizada com acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Palavras-chave: Megaeventos, Mídia, Educação Física.

1 Mestre em Educação no PPGE/UFSC. Florianópolis/ Santa Catarina, Brasil.

Email: antonioluisf@gmail.com

2 Mestranda em Educação Física no PPGEF/UFSC. Florianópolis/ Santa Catarina, Brasil.

Email: bia.poffo@hotmail.com

3 Mestrando em Educação Física no PPGEF/UFSC. Florianópolis/ Santa Catarina, Brasil.

Email: bammenezes90@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os megaeventos geram uma grande visibilidade mundial, e estão ligados em diversas instâncias governamentais nacionais e internacionais, não governamentais e também se caracterizam pela cobertura midiática que investe na reprodução dos acontecimentos antes, durante e após o evento. O Brasil, sede de grandes disputas esportivas como os Jogos Pan-Americanos do Rio de 2007, Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo 2014, Jogos Olímpicos e Para-Olímpicos de 2016 têm gerado grandes discussões no âmbito social, empreendedorismo, marketing, espaço físico e político. Santin (2009) ao discutir os megaeventos no Brasil nos diz que “são as maiores invenções geradas pelo avanço tecnológico, pela ganância econômica e pela sede de poder, durante o século XX” (p. 332).

Megaeventos são eventos de larga escala cultural (incluindo comerciais e esportivos) que tem uma característica dramática, apelo popular massivo e significância internacional. Eles são tipicamente organizados por combinações variáveis de governos nacionais e organizações internacionais não governamentais e ainda podem ser ditos como importantes elementos nas versões “oficiais” da cultura pública. (ROCHE, 2001, *apud* ALMEIDA et al, 2009 p. 178).

Sem dúvida alguma, tais “invenções” geram enormes sentimentos de distintos lados, como por exemplo, no dia 4 de abril de 2012⁴ data em que aconteceram

protestos nas cidades sedes (Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Brasília, Belo Horizonte, Cuiabá e Fortaleza) da Copa do Mundo de 2014, com a “Campanha Nacional Contra os Crimes da Copa do Mundo”, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e pelo Movimento Popular Resistência Urbana, realizando panfletagens contra ações de despejo e especulação imobiliária.

Por outro lado, estão as grandes empreiteiras nas disputas de licitações, empresários do ramo esportivo, publicitário e marketing, clubes esportivos, entre outros serviços que apostam positivamente no impacto que os megaeventos podem causar em seus amplos investimentos.

Para refletir brevemente sobre o grande papel dos megaeventos trazemos uma pequena história de vida que aconteceu em 1998 quando um de nós morava com a família em Rio Negro – PR, que faz divisa com o município de Mafra – SC, separados pelo rio Negro. Lembra-se, de que neste ano frequentava-se a catequese junto com os irmãos e nos finais das tardes de sábado todos compareciam à missa junto com os pais.

Faz-se necessário lembrar que no ano de 1998 acontecia a Copa do Mundo na França. Não queremos deixar em foco a missa, mas sim, um determinado momento da fala do padre. No andamento de dar a bênção final o padre apresentou a agenda da semana com os eventos que a igreja iria realizar e disse: *Peço a todos que compareçam a missa durante a semana, pois, neste*

4 Informação retirada dos sites no dia 28/05/2013: <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/sedes/conteudo.phtml?tl=1&id=1241185&tit=Sedes-tem-protestos-contra-corrupcao-nas-obras-da-Copa> e http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=236:sedes-tem-protestos-contra-corrup%C3%A7%C3%A3o-nas-obras-da-copa

ano é possível observar o maior número de pessoas reunidas em frente a uma televisão, deixando de trabalhar, parando de executar qualquer outra atividade para assistir a um jogo de futebol - Todos os presentes deram risadas e até o padre, não havia como evitar - Provavelmente, este fato não aconteceu isoladamente, mas sim, em diversos municípios, estados e países, não há como mensurar a força que um megaevento tem por todo o mundo.

Apenas as duas grandes guerras mundiais os superam em magnitude de suas mobilizações e megalomanias de seus patrocinadores. A diferença entre esses dois tipos de megaeventos está na sua classificação. Os esportivos são proclamados como pacíficos e festivos. Os belicosos, ainda que sejam justificados como defensores da paz, são inapelavelmente criminosos e mortíferos. (SANTIN, 2009, p. 332).

Contudo, podemos tentar compreendê-lo enquanto um campo de pesquisa da Educação Física e principalmente na representação destes eventos no âmbito educacional e social. Com isso, outras questões devem ser pensadas quando o tema do debate são os megaeventos. Neste sentido, apresentamos quatro pontos organizados por Mezzaroba, Messa e Pires (2011, p. 21- 22):

- a) As instituições esportivas, preocupadas com aquilo que é o objeto disso tudo, ou seja, glória esportiva pelas vitórias ou quebra de recordes;
- b) Os governos [...] com a preocupação de garantir uma infraestrutura

adequada que dê conta da grandiosidade dos [...] eventos;

- c) A população, que muitas vezes mostra-se posicionada no campo do “otimismo ingênuo⁵” [...] e em outros momentos no “pessimismo crítico⁶”;
- d) Essencialmente [...], as instituições midiáticas, no seu conjunto, que procuram ofertar informações a respeito de tais eventos, garantindo antecipação e visibilidade desses megaeventos esportivos e atraindo, com isso, as verbas publicitárias e patrocínios.

Portanto, não estamos falando apenas de um evento esportivo, mas também, de um jogo de poder que é proporcionado em diversas instâncias. Quando tratamos de poder não podemos ficar presos apenas aos discursos que são fornecidos pelos meios de comunicação de massa, devemos entendê-lo no seu significado mais íntimo, “trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...]” (FOUCAULT, 1979, p. 182).

As discussões que o tema apresenta impulsiona investigar os caminhos mais estreitos que podemos alcançar, o que possibilita uma reflexão profunda em relação ao discurso midiático dos acontecimentos que surgem ao longo da história. Como por exemplo, a compreensão a respeito da

5 Acreditando na simples ideia de que tais eventos serão positivos ao país (Mezzaroba, Messa e Pires, 2011, p. 22).

6 Colocando-se contrária à realização, tanto da Copa do Mundo quanto dos Jogos Olímpicos, pelos desvios, corrupção e gastos públicos (IBID).

infraestrutura dos megaeventos de acordo com as manifestações mencionadas anteriormente. Na Copa do Mundo em 2010, realizada na África do Sul, os despejos também aconteceram:

“Nós temos que remover essa gente... Na cidade nós apenas precisamos de pessoas que são aptas para pagar” (Conselheiro municipal de Johannesburgo – África do Sul)⁷.

Quando se trata da infraestrutura de um evento, logo, surgem os meios de melhorias para determinados locais em que é necessária uma estrutura adequada como aeroportos, mobilidade urbana, hospedagem, serviços, entre outros setores que fazem parte deste “círculo básico” para que o evento seja realizado em um certo estado e município. “Da mesma forma, o turismo costuma ser identificado como um dos setores que mais tem a ganhar com os megaeventos, tanto pelas melhorias aeroportuárias e de hospedagem, quanto pela imagem externa a ser construída pela mídia internacional, [...]” (Mezzaroba, Messa e Pires 2011, p. 28).

No XVII CONBRACE realizado em Porto Alegre (2011), Gilmar Mascarenhas, a partir de seu estudo do ponto de vista geográfico, apontou que no Brasil apenas 5 cidades possuem condições de infraestrutura para receber os jogos da Copa do Mundo que será realizado em 2014, entre elas estão: Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Belo

Horizonte (MG), considerando que o governo brasileiro apresentou 12 cidades incluindo, Brasília (DF), Cuiabá (MT), Fortaleza (CE), Manaus (AM), Natal (RN), Recife (PE) e Salvador (BA). No entanto, seriam necessárias apenas 08 cidades tendo como base a tabela dos jogos que é composta por 08 grupos, quatro a menos do que propôs o governo brasileiro para a FIFA.

Na pesquisa realizada em 2009 pelo grupo LaboMidia/UFSC, constatou-se que a temática sobre a infraestrutura sempre esteve com maior “audiência” entre os internautas e blogueiros⁸. Tendo como destaques nas publicações nos blogs⁹, obras realizadas em complexos esportivos, hospedagem, logística e trânsito. Um exemplo está no blog “A verdade do Pan 2007 [que] residia em seu viés crítico, propondo-se a apontar os limites, atrasos e ilegalidades nas obras, denúncias quanto à organização e segurança do evento, entre outros” (MENDES et al. 2009, p. 107).

A partir da visão do governo, o Pan Rio 2007 seria uma prova real de que o Brasil teria competência suficiente para organizar um megaevento com infraestrutura de alto padrão, garantindo segurança e que pudesse corresponder às expectativas da mídia, da população nacional e internacional. Assim, abria-se uma grande porta de entrada para investimentos no turismo, imobiliário e na área esportiva.

No entanto, na pesquisa de Poffo (2012), sobre as questões veiculadas no Jornal Folha de São Paulo, foi possível

7 Relato do Prof. Gilmar Mascarenhas no XVII CONBRACE – 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g95_9DBToAg. Acessado em 23/05/2013

8 Uma maneira de chamar os administradores dos blogs.

9 Foram escolhidos cinco blogs: *Blog do Diário do Rio*, *Blog dos Colunistas Lance!net (Felipe Mendes)*; *Blog do Galvão Bueno*, *A verdade do Pan 2007*, *Blog do Mosiah Rodrigues*. (MENDES et al. 2009, p 88-89).

perceber “que o evento não trouxe impactos econômicos significativos, comparado aos gastos que se multiplicaram” (p. 105- 106), tendo em vista que os investimentos foram de “R\$ 3,7 bilhões” divididos entre os cofres públicos municipais, estaduais e federais. Ou seja, “800%” a mais do que foi previsto antes do início das obras.

Faz-se necessário pensarmos os megaeventos e seu impacto no campo da Educação Física, entendendo como de grande importância que “tais” eventos podem ocasionar nos cursos de formação de professores e nas escolas brasileiras. Ao longo da história podemos perceber que o discurso referente ao trabalho com a Educação Física sofre alterações a partir das relações que essas teorias refletem no mundo educacional e acadêmico. Nos tempos atuais, além da discussão na área, outros discursos são veiculados pela mídia e neste círculo de debates temos “novas” compreensões sobre o esporte no âmbito da saúde, qualidade de vida, inclusão e proteção social. Assim, parece-nos uma visão romântica da área na medida em que o esporte é posto como “salvador” de todos os problemas sociais que o mundo apresenta, de certa forma ligada a perspectiva polissêmica do esporte apontada por Betti (1998).

Para essa discussão, percebendo que estamos vivendo na década¹⁰ dos megaeventos no Brasil, fazemos os seguintes questionamentos: qual o papel da Educação Física no seu âmbito escolar e no âmbito da formação de professores frente aos megaeventos? De que maneiras o curso de Educação Física tem refletido sobre os

megaeventos na sua grade curricular? Ao pensar sobre a formação de professores não devemos ficar apenas refletindo e debatendo o preparo do ensino e sim, criar meios que estimulem os sujeitos nos mais variados contextos da educação. Não obstante, é imprescindível que se discuta e reflita sobre a prática pedagógica e que a mesma, seja socializada e debatida com os demais professores, consequentemente, oportunizando novos meios de aprendizagem a partir dos eventos que estão acontecendo.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para atender o problema de investigação deste trabalho consideramos os sentidos que os sujeitos da pesquisa, foram eles acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atribuem aos megaeventos na relação com a formação de professores da Educação Física sob a qual eles estão submetidos ao processo formativo. Por ser uma pesquisa relacionada à problemáticas sociais, que correspondem a formação de professores e que, possivelmente, vão atuar na educação de cidadãos de algum lugar do país, ou seja, um estudo que está inserido no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, nós caracterizamos esta pesquisa como um estudo de caso descritivo (GOLDENBERG, 2001) com abordagem qualitativa, pois “o estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de

10 2007 - Pan Rio. 2013 – Copa das Confederações. 2014 – Copa do Mundo. 2016 – Jogos Olímpicos e Para – Olímpicos

uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto” (p. 34).

O nosso objetivo com esta pesquisa não é promover compreensões e considerações generalizadas sobre o âmbito da formação de professores em Educação Física das Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil. Mesmo que tenhamos tratado de uma temática (os megaeventos) que envolve, até certo ponto, todo o país, nós consideramos apenas o contexto da formação em Educação Física da UFSC. Delimitação de campo de pesquisa que foi adotada a partir do princípio metodológico da abordagem qualitativa em que “o ato de compreender está ligado ao universo existencial humano, as abordagens qualitativas não se preocupam em fixar leis para se produzir generalizações” (GOLDENBERG, 2001, p. 49).

O estudo foi constituído a partir da técnica de grupo focal. Na realização dessa técnica recria-se um contexto social em que os sujeitos interagem e expõem as suas opiniões acerca do tema em foco (GUI, 2003), além de “descrever representações sociais cuja natureza cambiante exige instrumento que favoreça a observação de processos construtivos de sentido” (GUI, 2003, p. 140).

Para a formação dos grupos focais foi necessária a realização de uma etapa preliminar da pesquisa com os sujeitos pesquisados. Foram aplicados questionários que ajudaram tanto no levantamento de temas/conteúdos a serem abordados no diálogo dos grupos como na seleção dos participantes que fariam parte dos encontros para discussão dos temas focos da pesquisa. No total foram 43 questionários que continham questões fechadas e descreviam as características acadêmicas de cada aluno, por exemplo: a fase em que se encontravam

no curso; se possuíam bolsas de estudo ou de iniciação científica; se participavam de grupos de pesquisa; e também questões abertas sobre o que achavam da realização dos megaeventos no país; a relação que viam com a Educação Física; o que percebiam da relação do discurso midiático esportivo com os megaeventos, entre outras.

A idéia inicial era de aplicar os questionários com turmas de três diferentes momentos do curso para que pudéssemos levantar os temas, formar os grupos focais e a partir do diálogo de cada conjunto termos elementos para comparar as possíveis diferenças entre os discursos e a relação existente, ou não, com a fase da formação acadêmica em que se encontravam. Foram formados dois grupos, o primeiro grupo com os alunos da primeira fase, pois eram sujeitos que estavam apenas começando e tinham cursado algumas poucas disciplinas, então, pressupomos que trariam uma visão mais do senso comum e do mundo vivido anteriormente, sem muita influência do ambiente acadêmico-científico de formação. E o segundo grupo, nós constituímos com alunos que se encontravam cursando a segunda metade do curso, ou seja, que estavam matriculados da quinta fase em diante e que poderiam nos trazer elementos representativos das possíveis influências do processo de formação pelo qual passavam.

Dos 43 questionários aplicados nós destacamos três temas principais, que foram posicionados como temas chaves a serem discutidos, foram eles: os megaeventos; a mídia; e a Educação Física na perspectiva da formação de professores. Todos eles foram assuntos que possuíam três subtemas relacionados no roteiro que foi planejado como uma estratégia de abordagem alternativa para provocação do diálogo/discussão entre

os sujeitos selecionados para participar da pesquisa.

A seleção dos sujeitos para a constituição dos grupos foi realizada de forma aleatória com os questionários que tinham sido aplicados nas diferentes turmas. Foram 12 sujeitos que colaboraram com a pesquisa, sendo que 7 constituíram o primeiro grupo focal, da turma da primeira fase (calouros) e 5 formaram o segundo grupo focal, dos alunos da segunda metade do curso (veteranos). Os grupos focais foram gravados com a devida autorização dos sujeitos participantes e ambos tiveram uma duração média de 1 hora e 10 minutos.

Com relação ao *corpus* de análise da pesquisa destacamos uma característica importante e que foi relevante na análise e discussão dos dados. O envolvimento dos sujeitos pesquisados com bolsas institucionais de pesquisa ou extensão em grupos ou laboratórios do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), além dos alunos que já possuíam algum vínculo empregatício relacionado com a área de atuação da Educação Física são questões peculiares e que consideramos como possíveis elementos mediadores do processo de formação.

O diálogo que aconteceu entre os alunos com a moderação dos pesquisadores durante os encontros dos grupos focais foi totalmente transcrito e os argumentos e opiniões apresentados pelos sujeitos são os dados que foram analisados como *corpus* da pesquisa. A técnica utilizada foi a de análise de conteúdo (BARDIN, 2009).

A descrição da técnica de análise feita por Bardin corresponde à necessidade deste trabalho, desde a *descrição* das falas dos alunos, passando pela *inferência* das mensagens emitidas por eles, que é a

percepção da situação de procedência em que se encontra o emissor, e a *interpretação* das mensagens apontando as prováveis consequências do enunciado (BARDIN, 2009).

No que se segue no texto, apresentamos os dados colhidos na pesquisa através do percurso metodológico descrito e por fim destacamos algumas conclusões e considerações finais acerca do trabalho.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES FRENTE AOS MEGAEVENTOS

Ao dar sequência no texto procuramos destacar alguns elementos da discussão com os alunos que se relaciona com a formação de professores na Educação Física. De início, já é possível perceber algumas questões importantes no discurso do aluno "D" (1ª fase) quando suscitado a falar sobre qual pode/deve ser a postura do professor em relação ao momento que o país vive, em meio à década esportiva (quais as possibilidades de levar este tema para a sala de aula). Ligado ao interesse que surge diante da expectativa da aproximação desses megaeventos, no que concerne a ideia de possível incentivo/parceria que deveria existir entre as universidades e os comitês de organização, para que pudessem possibilitar a participação dos acadêmicos em eventos desse porte, ao que segue:

Aluno "D" [...] Não existe iniciativa pública de trazer os acadêmicos para fazer staff por exemplo nos eventos né, não existe. Quem organiza os staffs, os staffs que eu digo são aquelas pessoas que ficam na organização do evento, quem gerencia esses staffs aí não tem esse tipo de tratativa com os acadêmicos ou com as pessoas envolvidas na EF. Eu desconheço pelo menos.

Essa passagem demonstra certamente qual seria a importância (ao olhar dos alunos) de participar de um destes eventos enquanto experiência na formação, e que há interesse de alguns acadêmicos nessa possibilidade. Isso constrói uma ideia da formação ampla e mais completa, o que corrobora com Costa (1994, apud FARIAS; SHIGUNOV; NASCIMENTO, 2001, p. 27), ao descrever a formação inicial como o “o período durante o qual o futuro professor adquire os conhecimentos científicos pedagógicos e as competências necessárias para enfrentar a carreira docente”.

Quando questionados sobre qual a possível/provável influência que os resultados da delegação brasileira (na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos) poderia apresentar na Educação Física escolar, ou seja, os possíveis resultados de vitórias ou derrotas, segundo o **aluno “L”** (1ª fase) – *“dependendo do estágio, vai ter uma cobrança maior sobre o professor, como um professor já comentou, vai ter uma cobrança maior sobre a EF e durante não teve uma preparação”*. Já a **aluna “P”** (1ª fase) relaciona esses elementos à influência da procura do curso de Educação Física: *“acho que é um curso que vem aumentando o número de pessoas [...] Mas acho que talvez pelo fato dos resultados e da pressão que pode vir até nós, acho que pode diminuir o interesse das pessoas”*.

Em vários momentos, pudemos perceber que a discussão circulava por caminhos que não eram nosso objetivo, mas que caracterizavam o quanto ainda é frágil o entendimento dos alunos que estão cursando uma licenciatura, ao tentarem ver os Jogos com possibilidades na área de conhecimento escolar e institucional, e não como esporte de rendimento e com discurso

de futuros treinadores. Isso fez com que nós pesquisadores, no papel de moderador da discussão, sempre voltássemos a conversa para o meio educacional e fazendo-os ver como futuros professores.

Com relação a esse tema, percebemos uma longa discussão no grupo focal da primeira fase, quando suscitados a falar sobre o posicionamento do professor no que concerne aos alunos que se destacam em algumas modalidades e poderiam ser encaminhados para treinos extras e específicos. Alguns alunos se posicionaram contra o professor se propor a ser um “observador”, outros a favor, e esse depoimento traz a opinião da aluna:

Aluna “V” - *“Eu acho que primeiro tem que promover a EF e todas as coisas que ela pode ajudar né? Tipo a cooperação, coletividade, essas coisas primeiro porque é o objetivo principal, os valores e tudo mais, daí durante aquelas aulas com esses valores tu vai ter o olhar de professor e de observador para observar as pessoas que se destacam, mas tu não tem que se preocupar só com isso porque se vão só 2 que se destaquem o resto não vai ser, e aí se tu também valorizar muito 2 e logo os outros vão se sentir menos né?”*.

Diante dessa fala, percebemos que mesmo os alunos ingressantes demonstram entender que a Educação Física tem que ter proposta pedagógica, se apropriar da cultura de movimento, e como até mesmo disse um aluno “não ser apenas o jogar por jogar”, mas sim criar significados e trabalhar por algo maior, que são os valores adquiridos por meio das atividades e jogos proporcionados por essa disciplina. O aluno A. (G2 – bolsista Pibiq e participante de laboratório de pesquisa) também falou sobre o poder que a mídia tem de associar a Educação

Física com o esporte de alto rendimento. E o quanto essa situação resulta na tendência de esportivização da Educação Física, ou seja, que as aulas são baseadas no ensino das quatro modalidades mais conhecidas (futebol, voleibol, basquete e handebol):

Aluno "A" - É, não só nos projetos como também na escola. A gente vai ta sempre bombardeado por esses eventos e até o Ministério dos Esportes vai tentar fazer com que a EF escolar se torne esportivizada e técnica. Visando a formação de atletas, que principalmente possam estar nas Olimpíadas.

Ao criarmos dois grupos focais de distintas fases do curso de graduação, percebemos que os alunos das fases finais (G2) falavam sobre o processo de formação, currículo, tendências de professores, com maior propriedade, utilizando como exemplo os estágios obrigatórios e supervisionados, que acontecem em escolas que tem parceria com a universidade e seus docentes. E esses elementos tornaram rica a discussão sobre os problemas enfrentados já no campo educacional, caracterizando um momento importante de reconhecimento desse espaço e seus sujeitos, ações e situações a serem enfrentadas no futuro. Quando questionados sobre a influência do cotidiano da disciplina de EF em relação à Copa do Mundo e aos Jogos Olímpicos, e o papel do professor diante de tal aspecto, a aluna J. (G2 – bolsista de projeto de extensão) justificou sua fala por meio da experiência vivenciada em um projeto de dança que acontece no campus da UFSC:

Aluna "J" – Trazendo de novo a ginástica como exemplo, a minha intenção é que as crianças entrassem em contato com os movimentos básicos, que elas

experimentassem o corpo delas, que tivessem ali socializando e tal... mas as crianças já chegavam com uma certa ansiedade até pra fazer o movimento sabe assim, já tinha um modelo de como elas tinham que fazer e em que hora tinham que fazer, elas mesmas ficavam se cobrando, quando não eram elas eram as mães que ficavam em cima, "faz isso, como é que tu não ta alongando direito, alonga aqui, estica lá", como a "B" falou de imitar o craque do futebol,... pode surgir esse conflito de não ter aquela experimentação do movimento, claro passa a técnica, não precisa ser uma coisa separada da outra, mas assim, tem um não respeitar o processo, acho que isso pode acontecer, que é grave.

Esse depoimento indica dois elementos importantes: a provável influência que a transmissão e a espetacularização destes jogos causam nessas crianças e até mesmo nos pais e o quanto o papel do professor é importante para mediar essa relação. Além disso, chama a atenção de como é preciso se utilizar do momento da década esportiva como forma de aumentar o acesso ao conhecimento de "novas" modalidades e de acompanhar esses megaeventos de forma mais "próxima". E ao se deparar com situações como essa citada acima, se utilizar de ferramentas que esclareçam a importância da cultura corporal de movimento.

Seguimos a conversa questionando os grupos sobre sua percepção acerca do currículo do curso, quais os contatos que eles tiveram com o tema sugerido por esse estudo por meio dos professores e se existe relação da década esportiva com a formação acadêmica. Os alunos do G2 nos falaram que basicamente um professor (1ª fase) falou sobre o assunto, ao que segue:

Aluna “B” - *é, eu não lembro de uma disciplina que tenha falado especificamente sobre isso, mas agora eu consigo fazer as conexões, que o professor G. falava muito sobre a espetacularização do esporte, e agora da pra ligar com os megaeventos. Porque quando a gente entrou na universidade, tava realmente tudo se decidindo... ah, o Brasil vai ser sede, não sei o que, e aqui a gente vê que o buraco é mais embaixo. Que a gente aprende a ser mais crítico, a prestar atenção no que os professores falam, na hora que o G. falou eu nem me toquei, mas agora eu consigo perceber, do esporte como espetáculo mesmo, de tentar ludibriar todo mundo, eu não sei assim.*

Aluna “C” - *Esse semestre a disciplina do professor C., ele trouxe um texto falando sobre isso também. Princípios de conduta profissional.*

Aluna “J” - *O G. oferece a disciplina optativa EF e mídia, e que eu acho que deveria ser obrigatória, é importante. Porque ele fala sobre o surgimento dos JO na primeira fase, mas a gente ainda tá boiando, tá entrando. Então deveria fazer essa disciplina optativa mais pro fim, tipo agora, mais tarde.*

Outra aluna comentou que se lembrava de uma Semana Acadêmica de Educação Física que tinha como eixo central de discussão os megaeventos, mas não lembrava ao certo qual era a edição do evento. Uma situação que chamou atenção pela importância da formação mais ampla, por meio da pesquisa e extensão (que ocorre pelo interesse do aluno):

Aluno “A” - *Agora como concluinte do curso, finalmente, como vocês eu também percebi que pouco se falava sobre o assunto, só quando alguém*

perguntava e aí naquele evento tinha uma mesa que o G. tava [...] e ele trabalhou com a espetacularização do esporte e também esporte na mídia, um assunto que a gente tem o livro no laboratório também. Então pra mim a maior formação que eu tive durante o curso sobre megaeventos foi ir atrás, porque eu quis, a gente não estuda exclusivamente megaeventos, mas estuda o ponto de vista da mídia sobre os megaeventos. Foi aí que eu tive meu maior conhecimento sobre megaeventos e o que pode acontecer depois, foi aprofundamento meu em procurar um grupo de estudos que pesquisasse alguma coisa sobre, mas eu não sei quanto aos outros laboratórios, mas acredito que algum trabalha megaeventos. [...] Acho que se a gente não se integrar a algum desses grupos, com certeza vai ficar meio esquecido. E aí nesse caso, vai do nosso interesse.

Aluna “J” - *Mas eu acho que pode ser interesse, mas as vezes todos os laboratórios, eu como estudante da graduação não sentia muita vontade de entrar nos laboratórios, porque parece que é um grupo fechado, não que seja proibido, na verdade o G. que convidou, não lembro de outros que tenham convidado tipo: venham aqui pesquisar e tal. E quem aproveita mais esse espaço é o pessoal da pós-graduação. Tem espaço, mas depende de como a pessoa vai se portar.*

Os depoimentos dos alunos “A” e “J” mostram basicamente duas realidades: um aluno que participa de pesquisa ao longo da graduação e outra aluna que sabe da existência de laboratórios ligados a pesquisa, porém afirma que existe um certo preconceito de que os grupos de estudos são fechados, o que demonstra certa fragilidade

deste tripé do conhecimento orientador das ações universitárias: de ensino, pesquisa e extensão. Ao escrever sobre orientação pessoal na formação de professores, Costa descreve que (1996, p. 15): “a orientação pessoal defende que o aprender a como ensinar é um processo pessoal que visa ajudar o professor a aprender a compreender-se e a desenvolver-se como pessoa. E segundo esta perspectiva o maior objetivo é realizar a promoção do desenvolvimento pessoal do docente”.

Com relação aos alunos da primeira fase, o questionamento feito foi baseado na percepção que eles possuem por meio das disciplinas já cursadas, se existiu alguma relação com o tema dos megaeventos. Inicialmente ficaram sem resposta, ao passo que o **aluno “D”** afirmou: “*O professor G. comentou sobre o evento e que vai acontecer, o que pode acontecer, deu umas dicas para a gente*”. Ao dar continuidade à conversa, para tentar desenvolver um pouco mais sobre nosso real objetivo, nós os fizemos pensar quanto ao currículo do curso, quais as perspectivas que eles apresentam. E nesse momento os alunos pensaram na divisão do curso, licenciatura e bacharelado, concluindo que a Educação Física escolar não deve abordar o tema esporte de rendimento. E pela terceira tentativa de retomar a discussão por meio da percepção dos alunos através da atuação dos professores, e seus discursos, metodologias, conteúdos em relação a formação do conhecimento, os alunos calaram-se e não apresentaram nenhuma percepção ou opinião acerca do tema sugerido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos esse estudo, podemos concluir que apesar dos grupos

de alunos pesquisados estarem em etapas diferentes da formação acadêmica, em geral suas ideias convergiam em relação à visão que apresentam sobre a relação dos megaeventos com a mídia e a Educação Física. O que mostra um consenso sobre o real papel da mídia (de veicular informações neutras) e o que eles veem é um formato corrompido, um modelo de noticiários e emissoras que se posicionam politicamente e direcionam as informações em benefício próprio.

Enquanto futuros professores essa é uma realidade que preocupa, pois há uma homogeneidade de discursos, uma dificuldade em afinar o olhar em relação à mídia para uma visão mais crítica para o papel que será assumido nas instituições de ensino. Visto que o esporte e as práticas corporais são uma ferramenta eficaz e conhecida para o marketing, a espetacularização e para a influência e associação de qualquer tipo de venda, portanto recebe um bombardeio de informações que tem como mira um público vulnerável e pouco crítico.

Essa diferença de criticidade é nítida ao termos um grupo heterogêneo, no que diz respeito ao envolvimento na pesquisa, que é um dos pontos do tripé da universidade. Até mesmo na turma de “calouros” essa característica apareceu, quando percebíamos que esses alunos tinham ideias que se sobressaíam em relação ao grande grupo, principalmente no que diz respeito aos questionamentos mais esclarecidos que faziam sobre a temática. Diante disso, essa orientação mais crítica e pessoal depende que aconteça, além de uma maior abertura dos grupos de pesquisa no papel de democratização e socialização da produção do conhecimento científico dentro das universidades procurando atrair novos alunos-pesquisadores, mas também

que estes futuros professores despertem o interesse investigativo em associar a sua prática de intervenção aos conceitos e teorias produzidos no âmbito acadêmico.

Os contrastes apresentados pelos sujeitos da pesquisa basearam-se também no momento de cada grupo, sendo que os alunos que já cumpriram metade do curso apresentam uma relação do “vivido” com o ambiente escolar, por meio de experiências de estágios e influências por essa convivência mais próxima. Já os alunos da primeira fase apresentam a “expectativa” em relação a esse campo ainda desconhecido, enquanto profissionais.

Assim, percebemos a necessidade de adiantar o contato dos alunos com o meio escolar, pois as dificuldades relatadas por meio das experiências citadas por eles durante as discussões, apontaram a importância que a prática de ensino e os estágios têm na aproximação com o seu futuro campo de intervenção. Mesmo cientes da dificuldade de alterar o currículo de um curso de graduação de Educação Física, vemos esta como uma oportunidade de melhorar a formação dos professores, uma vez que o aprendizado poderia ser otimizado na atuação, diminuindo a distância entre a teoria e prática.

Todas as considerações apresentadas destacam a saliência e a exposição da necessidade de refletir e repensar os cursos de formação de professores em Educação Física de maneira urgente. A fragilidade demonstrada nos discursos dos professores em formação, participantes dessa pesquisa, aponta para a demanda social e educacional que passa a existir no trato com o momento esportivo que vive o país. São lacunas que surgem tanto no âmbito da formação profissional de forma objetiva, na preparação para

a atuação em meio à realização dos megaeventos, como na perspectiva da formação crítica e pessoal dos sujeitos ao observarem e tratarem da mídia como uma importante interlocutora dos discursos que se apresentam na sociedade contemporânea.

Neste sentido, é válido aprofundar as discussões na formação dos professores para que eles possam auxiliar o sujeito a não ser apenas um otimista ingênuo e pessimista crítico, mas sim, que seja capaz de refletir sobre os benefícios e malefícios em suas diferentes categorias, social, política, econômica, educacional, buscando dessa forma, uma formação para o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; MEZZADRI, Fernando Marinho; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Considerações sociais e simbólicas sobre sedes de megaeventos esportivos.** Florianópolis: Motrivivência, Ano XXI, nº 32/33, P. 178 – 192. Jun-Dez/2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física.** Campinas, SP. Papyrus, 1998.
- FARIAS, Gelcemar Oliveira; SHIGUNOV, Viktor; NASCIMENTO, Juarez Vieira. Formação e desenvolvimento profissional dos professores. *In:* SHIGUNOV, V; SHIGUNOV NETO, A. (Orgs.) **A formação profissional e a prática pedagógica: ênfase nos professores de Educação Física.** Londrina: Midiograf, 2001. p. 19-53.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GUI, Roque Tadeu. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **RPOT**, vol 3, n 1, janeiro-junho de 2003, p. 135-160.
- MENDES, Diego de Souza et al. **Blogs e blogueiros do Pan 2007: um estudo sobre os jogos no ciberespaço**. In: PIRES, Giovani de Lorenzi (org). Observando o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.
- MEZZAROBBA, Cristiano; MESSA, Fabio de Carvalho; PIRES, Giovani de Lorenzi. **Quadro teórico – conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático – esportivo**. In: PIRES, Giovani de Lorenzi. O Brasil na Copa, a Copa no Brasil. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.
- POFFO, Bianca Natália. **Legados do Pan Rio/2007: uma análise do discurso midiático**. In: PIRES, Giovani de Lorenzi; BIANCHI, Paula (orgs). Novas contribuições do LaboMídia/UFSC à pesquisa em Mídia-Educação (Física). Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.
- SANTIN, Silvino. **Megaeventos esportivos no Brasil: benefícios – contradições**. Florianópolis: Motrivivência, Ano XXI, nº 32/33, P. 332 – 334. Jun-Dez/2009.

MEGA EVENTS SPORTS AND TEACHER EDUCATION IN PHYSICAL EDUCATION: a case study

ABSTRACT

The mega provide several discussions at universities, academic events and also in informal moments. Amidst all these reflections, this study aims to discuss the mega sports events in order to understand and point out how they can reflect on the training of future teachers of Physical Education. The empirical phase was conducted with students of Degree in Physical Education, Federal University of Santa Catarina (UFSC).

Key Words: Mega Events; Media; Physical Education.

Recebido em: outubro/2013
Aprovado em: novembro/2013